

**As linguagens da sexualidade:
mito e racionalidade**

Fabiana Marques Leite Vaz
Mestre em Educação pela Unicamp

Highwater, Jamake. *Mito e Sexualidade*. São Paulo: Editora Saraiva, 1992.

Mito e Sexualidade é, sem dúvida, uma vibrante e indispensável tese para aqueles que se arriscam e que vislumbram compreender com maior profundidade a condição humana. Fundamentada em uma interpretação fenomenológico-hermenêutica dos mitos, é uma tese que nos carrega através do tempo e do espaço, decodificando símbolos, clarificando interditos e que, deste modo, concede importantes elementos que possibilitam a construção de novas significações para a sexualidade humana.

Façamos uma breve consideração: a tese de Highwater é fruto longínquo das contribuições das Ciências Humanas a partir do século XIX e mais especificamente, das contribuições advindas das leituras marxistas, que naquele momento tiveram como protagonista o pesquisador romeno Mircea Eliade (1907), no que se refere à mitologia e religião. O marxismo foi decisivo para a superação da matriz positivista a que estava subjugada a compreensão dos mitos. Até então, os mitos, para os ocidentais, eram tidos como uma pré-consciência, como uma irracionalidade, porém o marxismo permitiu-nos conceber os mitos não como uma consciência pré-racional, mas, sobretudo, como uma *outra racionalidade*. A inversão epistemológica trazida pela filosofia marxista parte do pressuposto de que “não é a consciência dos homens que define sua existência, mas sim, as condições materiais, ou seja, a existência dos homens que define a sua consciência”. Deste modo, a partir deste pressuposto, os mitos puderam ser concebidos como uma outra forma de racionalidade na medida em que expressam simbolicamente, em uma outra linguagem, as relações sociais, as prescrições jurídi-

cas, econômicas e políticas¹ de uma determinada cultura. Bem entendido, os mitos são reflexos da condição histórico-material de cada sociedade. E esta compreensão – mesmo que não discutida diretamente pelo autor neste texto – será de extrema relevância mais adiante para o entendimento do método proposto por Highwater, principalmente quando este se refere à importância da relação entre mito, sexualidade e ritual.

Em *O sexo como destino e o destino como sexo* (p. 11-18), o autor expõe sua preocupação com a ideia que nós ocidentais fazemos da sexualidade. Demonstra historicamente que a compreensão que temos sobre ela, entendendo-a como *pulsão inata, universal, perigosa e imutável*, fixou raízes no século XVII com a invenção do conceito de *Homem Natural* (p. 12). E que mesmo com a superação do paradigma mecanicista que lhe deu origem, a ideia de homem natural resistiu ao tempo, passando por diversas remodelações culturais, culminando com a concepção freudiana sobre a sexualidade, extremamente difusa no pensamento atual (p. 11-13).

Dentro desta concepção acredita-se, entre outras coisas, que há uma nítida distinção comportamental e existencial entre homens e mulheres, selada desde o nascimento pelos genitais – justificando a nomenclatura dada pelo autor para este capítulo. Aos genitais também estão relacionadas as ideias do sexo como força natural obsessiva que domina a maioria dos atos e decisões humanas (p. 15).

Visando à superação desta ideia ocidental da sexualidade, ou seja, negando a ideia defendida por Freud de que “a anatomia é destino” (p. 17), o autor propõe que esta – a sexualidade – seja compreendida como “um produto de forças sociais e históricas, com uma unidade imaginária. Nestes termos, como uma invenção do espírito humano” (idem). E é com Michel Foucault, seu principal interlocutor, que Highwater compartilha a ideia de que a sexualidade é uma “elaboração histórica” e que para compreendê-la é necessário explicar o contexto que lhe deu origem (p. 16). Porém, distinguindo-se em certa medida de Foucault, para o autor, este contexto a ser

¹ Para melhor compreensão destes dispositivos é recomendada a leitura do livro *Desvendando a Sexualidade* de César Aparecido Nunes (Campinas, SP: Papyrus, 2005, 7ª ed).

explicado é a mitologia, pois segundo ele, o mito “está na base e dá a forma às estruturas e aos valores da sociedade” (idem).

Outra questão metodológica a ser considerada nesta tese, subtraída pelo autor das lições do *relativismo*, é o uso do choque de contrastes entre distintas culturas, para o questionamento da relação entre mito e sexualidade na sociedade ocidental, uma vez que:

(...) nada nos estimula mais a repensar as coisas que julgávamos adquiridas a nosso respeito do que o contraste entre a nossa visão do mundo e a de uma cultura inteiramente diversa. A lição que o relativismo cultural nos ensina é que a mitologia e o simbolismo sexual que nela assenta variam enormemente de época para época e de lugar para lugar (p. 16).

No segundo capítulo, *A base mítica dos valores sexuais* (p. 19-37), Highwater dedica-se ao aprofundamento das questões metodológicas que embasam seu texto, explicando minuciosamente as principais categorias que dão corpo a sua tese, tais como: a definição de *sexualidade*, de *mitologia*, de *ritual*, a definição do *corpo como metáfora social* e mais uma vez, a discussão sobre a importância do método do *contraste entre culturas diversas* na abordagem da sexualidade. Para tanto, usa com abundância exemplificações de determinados fenômenos como a castidade, a bissexualidade, a masturbação, em distintos momentos históricos e em culturas variadas. Tal fato, a despeito de construir uma leitura muito rica e prazerosa, torna ao mesmo tempo muito dificultosa sua sistematização, exigindo do leitor bastante cuidado para que não se perca nas viagens explicativas, em detrimento da real contribuição teórica contida no texto.

Para o autor, a sexualidade, como já discutimos anteriormente, deve ser compreendida como um fenômeno culturalmente determinado (p. 20); partindo das contribuições da história e dos estudos do corpo humano, Highwater constrói a tese de que o corpo humano “deve ser encarado como uma metáfora da sociedade” (idem). Segundo o autor, “há uma forte correlação entre o modo como as pessoas vêem seu corpo e o modo como vêem a sociedade a que pertencem” (p. 20-21).

O eixo estrutural desta tese consiste na relação entre mito, ritual e sexualidade; sendo assim, o próximo passo será nos dedicarmos ao entendimento do que seja a mitologia para Highwater.

Para explicar o que entende por mitologia, o autor dialoga com o especialista David Maclagan, com quem compartilha a idéia de que o mito é:

Quer na sua estrutura profunda, quer no seu conteúdo superficial, o mito tem que ver com uma relação composta entre corpo/espírito e palavra/mundo. É metafórico não no sentido do emprego das chamadas “figuras de estilo”, artifícios de mera retórica, mas no sentido etimológico da palavra: o de “transpor” as fronteiras de conveniência que nós estabelecemos entre os sexos, as estações, as espécies e as estrelas. Esse vazamento metafórico de informações não se efetua de modo consciente, tampouco é peculiar ao mito: penetra em flagrante tudo o que fazemos, todas as percepções que sentimos mesmo no ramo mais estritamente especializado da ciência (p. 22).

E para não deixar dúvidas ao leitor, Jamake equipara a função e ou o significado da mitologia com a função/significado do conceito de paradigma para os filósofos (idem).

Já os rituais podem, em suma, ser entendidos como elementos grupais de legitimação dos costumes, ou seja, eles sancionam a estrutura das relações sociais, dando-lhes expressões visíveis e deste modo, nos permite conhecer nossa própria sociedade (p. 21-22). Sendo assim, nos importa agora analisar junto a Jamake “o processo pelo qual os ritos do sexo comportam dentro de si os valores míticos das sociedades” (p. 22). Compreender-se-á no decorrer do texto, que nossa visão da realidade é “povoada de mitos” e que estes mudam no tempo e no espaço, assim como mudam também os ritos do sexo e, por conseguinte, a visão sobre nossa corporeidade, visto que, “o corpo é constantemente transformado pelo fluxo da mentalidade mítica” (p. 34).

Os capítulos seguintes foram estruturados em ordem cronológica, permitindo que a tese de Highwater, mesmo que fundamentada na fenomenologia, seja passível, com facilidade, de uma interpretação materialista-histórica de seu conteúdo. Destarte, para aqueles que têm a pretensão de fazer esta leitura materialista da sexualidade, recomendamos mais uma vez, a leitura de Nunes (1987), que ao tratar da história da sexualidade humana,

estabelece uma divisão textual que segue basicamente a mesma lógica temporal de Highwater, porém, consubstanciada nos trilhos da economia (e não da mitologia), como fator determinante na concepção da sexualidade.

O terceiro capítulo, que inicia nossa incursão pelo tempo, intitula-se: *o corpo como mulher*, e nele o que terá importância para o autor são “os aspectos primordiais da sacralidade que cercavam o poder da fecundidade da mulher” (p. 40), pois deriva justamente desta mitologia “primitiva” a primeira concepção da sexualidade humana.

A problemática inicia-se com a defesa da existência de uma sociedade matricêntrica no período neolítico, onde se poderia dizer “que Deus era mulher”. Para sustentar tal tese, Highwater, mantém constantes e insistentes diálogos com cientistas sociais, antropólogos, biólogos e historiadores que cerram fileira com esta mesma idéia, de braços dados com a ciência.

Na sociedade matricêntrica, segundo Erich Fromm e Bachofen, os indícios de violência praticamente não existiam, pois organizavam-se relativamente de maneira igualitária e coletivista. Enquanto os homens uniam-se e dedicavam-se à caça, as mulheres responsabilizavam-se pela alimentação e manutenção da *grande família* e neste processo, acabaram tornando-se as pioneiras no manejo da farmácia, da agricultura, da astrologia, da medicina, da pecuária, do feitiço de utensílios domésticos e etc. (p. 43). Além de todos estes domínios sobre a natureza, coube também as mulheres, segundo Highwater, o primeiro passo no processo de *hominização* dos primatas. Afastando-se do cio, e não limitando o sexo à procriação como fazem os animais, as mulheres transformaram a sexualidade em um aspecto da cultura, ou seja, “foram elas que humanizaram a sexualidade animal” (p. 54-56). Sendo assim,

A religião dos chimpanzés é animista e a dos humanos é sexual, mas sem associar a sexualidade às forças da natureza, as mulheres viriam a criar a nossa primeira religião – a religião da menstruação, dos mistérios do parto e das fases da lua (p. 54-55).

Através da vasta releitura mitológica realizada por Jamake junto aos seus interlocutores, defensores de uma sociedade matricêntrica – que outrora estivera somente sob o foco de leituras e interpretações patriarcais, ou

machistas – é possível perceber com clareza que de cada organização social deriva uma sexualidade distinta e por sua vez, metaforizações subjacentes de nossa corporeidade. A exemplo desta afirmação, o autor demonstra que a virgindade na sociedade patriarcal, ocidental e de parentesco relaciona-se diretamente com o controle da mulher, sua posse pelo pai ou pelo marido, enquanto que em uma sociedade matriarcal ela estaria relacionada unicamente a seu autodomínio. A questão que deriva desta discussão e que pode nos servir de horizonte político é que se cada organização social engendra uma consciência e uma sexualidade característica, como ficou provada com explanação sobre alguns aspectos das sociedades matricentricas, outras formas de organização social podem ser construídas, uma vez que não são imutáveis ou naturais, mas antes e, sobretudo, construções humanas. Assim, outras significações podem ser aferidas à nossa sexualidade dando continuidade ao constante e inexorável processo de hominização que nos condiciona. Diante desta discussão cabe nos perguntar: que tipo de organização social queremos e devemos construir para engendrar sujeitos cômicos de sua própria sexualidade, sujeitos capazes de livrarem-se dos mitos repressores, maniqueístas e preconceituosos que extirpam silenciosamente as mais importantes potencialidades que podem levar o homem à emancipação?

O corpo como homem (p. 57-91) é o tema do próximo capítulo, nele a principal discussão centra-se na demonstração da batalha entre a antiga mentalidade matricêntrica e a nova mentalidade patricêntrica que travou-se no mundo dos mitos. E como por fim, os novos deuses nascidos da sociedade patricêntrica, arrebatarem o poder das mulheres desta nova organização social (p. 58-59). Contrapõe criticamente o tipo de consciência nascida desta mitologia patricêntrica e sua respectiva concepção de sexualidade, àquela discutida no capítulo anterior. Ou seja, enquanto nas sociedades matriarcais a sexualidade era polimorfa, unilateral, sensual e pacífica, nas sociedades ocidentais, patriarcais, a sexualidade - por temer o poder feminino - engendrou uma adoração exacerbada do homem pelo próprio homem (p. 77-78), calcada no desprezo pelas mulheres. Engendrou também a sexualidade violenta, repressora e a diferenciação acentuada entre os sexos masculino e feminino – tão comum ao nosso pensamento.

A releitura elaborada por Highwater das importantes obras de Homero, Hesíodo, Ésquilo e Sófocles, entre outras, demonstra que elas escondem verdadeiros insultos sobre as mulheres (p. 66) e que esta mitologia solidificou a idéia ocidental atual de que as mulheres personificam a natureza bruta, o caos e a desordem, enquanto os homens personificam a sabedoria, a ordem e a razão (p. 65). Desta consciência ambivalente nascida do patriarcalismo derivam o homoerotismo e a noção da paixão como inimiga da razão, o que mais adiante se transmuta na idéia ocidental das pulsões sexuais relacionadas a atos animalescos (p. 90). Segundo Pat Caplan,

Para os gregos, assim como para nós, o sexo ameaça o senso de autodomínio que define a racionalidade masculina, e a existência da civilização. Se lhes fosse dada a oportunidade, talvez os homens tivessem erradicado por completo o desejo sexual, se não fosse a necessidade de ter filhos que perpetuem a identidade masculina e alimentem o sonho da imortalidade do homem (p. 41).

Assim sendo, com o patriarcalismo, o substrato simbólico necessário para colocar em prática a nova ordem moral, estética e política estava pronto e este será o tema da discussão do quinto capítulo, que se intitula: *O sexo como pecado* (p. 92-120).

A problemática do corpo como castigo tem como referência o mito persa do gênesis, que em sua composição apropria-se de maneira exacerbada, de uma lógica maniqueísta na explicação da criação do universo. Este dualismo cósmico é a base do zoroastrismo, que por sua vez, foi a religião que mais influenciou as idéias do cristianismo e do judaísmo (p. 95).

Neste capítulo, o autor mantém diálogos constantes com Campbell e com ele compartilha do entendimento de que por volta do século VI a.C. ocorreu uma grande inversão psíquica no mundo ocidental, configurando ao invés da visão afirmativa que se tinha da natureza, uma visão extremamente negativa da vida (p. 96). Segundo Highwater, esta visão fatalista da vida, oriunda do pensamento patriarcal e posteriormente estruturada pela mitologia cristã e judaica, será responsável pela organização das mitologias calcadas na ciência e na indústria do ocidente, discussão esta que será tema dos próximos capítulos (p. 97).

A outra problemática importante deste texto versa sobre a transformação do cristianismo em religião oficial do império romano e as principais concepções da sexualidade ocidental que derivaram de seus dogmas e práticas. Um dos vértices deste processo, que nos é muito relevante, diz respeito à questão do celibato.

No judaísmo, o sexo e o casamento estavam estritamente ligados à questão da reprodução, uma vez que os “valores míticos derivavam das atividades agrícolas e pastoris numa região parca e árida” (p. 106). Porém, Jesus Cristo, segundo Highwater, mesmo que acostumado com os valores judaicos, instituiu uma nova visão sobre a “vida de solteiro” declarando efetivamente que as obrigações conjugais, são mais importante que a procriação e propondo o celibato voluntário como salvação da alma. Para Jamake, “os cristãos herdaram apenas os elementos negativos dos hábitos sexuais judaicos e foram pouco a pouco inventando a tradição talvez mais negativa do sexo de toda a história” (p. 107-108).

A discussão culmina com a releitura do gênesis, elaborada por Santo Agostinho que ao reinterpretar a história de Adão e Eva põem fim a todas as interpretações que davam margem “à busca da liberdade humana” e instituiu a história do corpo como servidão e como castigo divino (p. 114-118).

O corpo como amante é o tema do sexto capítulo (p. 121-139). Nele o autor nos conduz à mitologia trovadoresca, nascida paralelamente aos ideais agostinianos, no século XII. Mitologia esta, responsável pela invenção do amor cortês e por uma total revolução da psique ocidental, que trouxe para o espírito humano, a invenção do eu, a expressão lírica e a adoração da mulher (p. 138).

Através do conto “Tristão e Isolda”, o autor nos revela algumas importantes significações acerca do corpo, do amor e da sexualidade naquele momento histórico e faz-nos refletir sobre seus ecos na atual conjuntura. Talvez, uma das mais representativas reflexões trabalhadas nesta etapa da tese, seja a desmistificação do casamento e do adultério na sociedade feudal.

Highwater deixa claro que desde a formação das sociedades de parentesco do ocidente, o sexo e o casamento estavam estritamente relacionados à procriação e a proteção de bens familiares. O casamento “era uma

instituição feudal, solene e fria” (p. 124), pode-se dizer também, que era uma questão prática e política e, segundo o autor:

Temos igualmente por certo que a finalidade natural do amor e do casamento é a realização sexual, mas até o começo deste século o objetivo mais comum era a geração de filhos herdeiros e trabalhadores não remunerados em indústrias domésticas e nos campos (p. 125).

Para Jamake, existem duas possibilidades justificativas para o surgimento da mitologia do amor romântico: a primeira delas corresponde justamente a falta de amor nos casamentos arranjados; e a segunda diz respeito ao “direito sucessório feudal, pelo qual as mulheres herdavam títulos e bens” (p. 126). Assim, em uma sociedade onde a maior preocupação era a aquisição de terras, o método menos cruel e mais civilizado de se conseguir a transferência pacífica de direitos de propriedade de uma família ou de uma pessoa – principalmente de uma mulher – para a outra, era através do casamento e de seu grande e mais novo aliado: o amor (idem).

O corpo como máquina é agora a discussão do sétimo capítulo (p. 140-157). Nele o eixo estrutural versa sobre como a mitologia da ciência influenciou e ainda influencia nossa visão do mundo, do corpo e de nossa sexualidade. Para tanto, o autor amplia o significado do termo mitologia, pois esta, a partir do paradigma mecanicista, passou a expressar, através de outras formas de linguagem, não apenas as fabulosas cosmogonias do passado, ou seja, as várias teorias que têm por objetivo explicar a formação do mundo, mas também, as cosmogonias que dão base às interpretações científicas. Neste sentido, tornam-se mitológicas também, as expressões jornalísticas, médicas e científicas (p. 141).

Segundo o autor, a filosofia cartesiana é o ponto de partida para o entendimento do corpo como máquina. Nesta filosofia reside a idéia substancial de que tudo o que existe no universo é autômato, ou seja, acionado por meios mecânicos. Porém, o ser humano para Descartes difere-se de forma determinante dos outros seres autômatos, pois este, em sua concepção, detém uma alma, que poderíamos entender também como sensibilidade. Para Highwater, este dualismo cósmico contido na filosofia cartesiana é o elo que une pensamento científico e igreja ocidental (p. 143). Então, no oci-

dente, podemos entender que a tecnologia foi saudada como virtude cristã e que graças a tal disposição que une mentalidade cartesiana e doutrina católica, substanciou-se o “incentivo ético para a Revolução Industrial do Ocidente” (p. 145).

Dentre outras tão importantes discussões tecidas por Jamake neste momento do texto, cabe ressaltar a ascensão da sexologia como produto da mentalidade mecanicista, em paralelo ao declínio da igreja como reguladora das práticas sexuais. Nesta dinâmica os valores “bem e mal” da moralidade judaico-cristã foram substituídos arditamente pelos critérios “normal e anormal” prescritos pela sexologia, dando nova roupagem ao que viria ser a moral vitoriana do século XIX (p. 148-154).

Adentrando a segunda década do século XX, tem início umas das mais mordazes formas de mitologia, aquela que se funda na auto-saciedade, na satisfação pessoal e no valor supremo de prazer. Tal mitologia, para fazer valer-se, apropria-se de novas formas de linguagens, engendradas pela publicidade e pelo marketing. Estamos tratando do tema do oitavo capítulo, que versa sobre “*o corpo como mercadoria*” (p. 158-172).

O cenário que dá suporte para esta nova forma de mitologia, que faz do corpo produto mercadológico é a sociedade capitalista americana, mais especificamente, a nova classe trabalhadora urbana, formada por jovens no início dos anos vinte. É deste momento histórico que decorre a mitologia responsável pela comercialização do desejo, que equipara sexo, dinheiro e poder. Neste processo o homem passa a ser e a sentir-se conforme aquilo que pode comprar, ou ter. Desta nova classe trabalhadora surge também uma das mais importantes formas de expressão da contemporaneidade, tema de muitas pesquisas acadêmicas atuais, que é a mercantilização do lazer (p. 165).

Agora os velhos deuses do olimpo foram substituídos pelos referenciais astros do cinema e da televisão. Para Highwater, “juntamente com a sexualização do comércio veio a crescente comercialização do sexo melhor representada pela indústria pornográfica” (p. 168). A pornografia é uma das representações deformadas dos ideais de liberdade de expressão, gerados em contraposição a séculos de repressão vividos pela sociedade ocidental. É

também de onde deriva um dos mais nocivos produtos de sua lógica: a violência sexualizada e mercantilizada (p. 170).

O corpo como arma (p. 173-185) é, sem dúvida, uma das mais belas reflexões elaboradas por Highwater e é a partir de suas próprias palavras que expressaremos a problemática aqui a ser tratada:

A mitologia da masculinidade (...), se baseia em uma mentalidade que representa um aspecto implícito da desilusão da sociedade de consumo norte-americana no final do século XX. Nos tempos competitivos que decorreram desde a Revolução Industrial, quando o corpo humano se tornou máquina, muitos homens se transformaram em máquinas mortíferas devido a expectativas irrealizadas, frustrações e brutalizações econômicas. Para eles, o sexo deixou de ser erótico para se transformar em pornografia, mercadoria sexual, mecanismo que, falhando a obtenção do prazer imediato, expressa a frustração e a raiva provocando humilhação. Tendo em vista a longa história do menosprezo e da repugnância dos homens pelas mulheres e pelo sexo, não surpreende que a castração econômica e racial leve muitos homens a descontar sua raiva nas relações sexuais (p. 174)

Neste texto, o autor explicita com veemência as questões políticas da sexualidade, aclara com muita didática as relações intrínsecas entre sexo e poder. É também um momento onde o autor estabelece diálogos diretos com seus leitores através de questões imprescindíveis para esta reflexão, tais como: “Será a brutalidade uma reação psicótica do rebotalho racial, econômico e político do mundo, ou de fato ela representa uma função mais importante em nossa vida?” (p. 177).

Derivam da sociedade de consumo os ideais de competição e de sucesso nutridos pela ilusão da “boa vida”. Segundo Highwater, estamos dispostos a fazer absolutamente tudo para realizá-la. Destarte, o constante universo de expectativas e a conseqüente incapacidade de alcançá-las, resulta numa profunda sensação de masculinidade humilhada e é justamente desta “roda viva” que resulta a extravagância dos homens que dão forma a sexualidade violenta (p. 180).

Como antítese da sexualização da violência, Highwater destaca a metáfora do amor, pois segundo ele, não há indícios de que ele seja fundamentalmente diferente do sexo. Situa de maneira sensível e coerente o erotismo como metáfora da sexualidade, ou seja, como aspecto da cultura e

teme o desaparecimento do amor em meio às rebeliões eróticas de nosso tempo (p. 185).

Finalmente, chegamos à conclusão desta reflexão, em *O corpo como corpo* (p. 186-193). Como vimos até aqui, Jamake buscou compreender a história da sexualidade a partir de uma interpretação fenomenológica da mitologia, porém em sua conclusão sua interlocução com Foucault torna-se mais acentuada e evidente. Em meio a sua defesa do corpo como o maior instrumento de comunicação e expressão humana e como unidade indissociável entre o físico e o espiritual, Jamake, assim como Foucault, aponta que a saída para a repressão sexual se dá pelo nível das práticas individuais. E o que a primeira vista pode parecer otimista, na verdade guarda o mesmo pessimismo implícito nas teorias foucaulnianas, uma vez que tudo é discurso e que todo discurso é normatizador e, por este motivo, repressor.

Apesar de finalizar sua tese sem uma proposição política clara para engendrar novas formas de sexualidade não repressivas, Higwater, ao afirmar que “Olhando para si mesma, a humanidade muda e muda a sua sexualidade” (p. 185), nos presenteia com o que para nós, que militamos por uma educação sexual emancipatória, existe de mais motivador: *a dialética entre passado e futuro*. Assim, nos presenteia e ensina com uma de suas maiores lições, ou seja, a garantia de que conhecer e dominar nossa própria história é indubitavelmente, segurar firmemente as rédeas do futuro e poder construir de maneira consciente novas organizações sociais que sustentem novas possibilidades de significação para a sexualidade humana.